

ABERTURA

Zina Maria Bellodi SILVA*

A realização deste Colóquio, o IV da série LINGUAGEM-LIBERTAÇÃO, voltado para a Literatura Infantil, significa a materialização de algo há algum tempo programado por Juliana Silva Loyola Santana, Roseli Batista Camargo, Thereza Anália Cochar, Maria Magaly Trindade Gonçalves e eu, pessoas que compõem o Grupo de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil. O Grupo não existe oficialmente, mas tem se manifestado como tal, produzido algumas idéias, iniciando alguns projetos, desenvolvendo parcialmente outros. A atuação mais significativo do grupo tem sido no sentido de refletir sobre a preocupação com a Literatura Infantil e Juvenil por motivos mais ou menos claros. Hoje, por um lado, na verdade, Literatura Infantil e Juvenil é um problema a ser discutido seriamente no mesmo nível que se discutem as grandes questões econômicas, sociais, políticas e apesar da idéia corrente de que não se fala em literatura a pessoas mal alimentadas. A literatura, como fonte de crescimento, deveria ser motivo de discussão como estímulo ao desenvolvimento do homem como homem. Por outro lado, por motivos diversos, fala-se em infantil e juvenil e esquece-se de literatura e aqui está um dos grandes problemas que o grupo se coloca - ele quer que pensemos em literatura no sentido de expressão literária superior, aquela capaz de desencadear o processo de crescimento do homem. O grupo de Literatura Infantil e Juvenil quer que

* Docente do Programa de Pós-Graduação

nos voltemos para o especificamente literário, quer que abandonemos a atitude cômoda de pôr na mão da criança e do jovem aquilo que o mercado editorial (na mais das vezes preocupado com o fator econômico, algo que também tem seu sentido) põe na mão do professor, sobretudo do professor do 1º e 2º graus que, além do problema do excesso de aula e escassez de recursos econômicos, se caracteriza, hoje, por ser um indivíduo que perdeu a motivação da própria aprendizagem. Essa é, seguramente, uma das grandes preocupações do grupo, preocupação que se iniciou nesta casa com o Professor Dante Tringali que tantas vezes nos alertou para o problema. Curioso é que ele discutiu essa questão, desenvolvendo importante atividade na Área de Didática, que possuía um espaço (há muito perdido) para o estudo dessa manifestação literária.

Quando fiz referência ao mercado editorial, pretendia alertar para a falta de espírito crítico que caracteriza boa parte dos nossos professores que, na mais das vezes, não tem orientação segura para estabelecer a seleção dos textos que devem e/ou podem chegar à criança. Em geral, nossos cursos superiores são carentes no que se refere à orientação de ordem prática que levaria o professor a fazer a necessária ponte entre a formação teórica recebida (quando a recebe) e a atividade prática. Em geral ocorre um sensível despreparo que impede o professor de ser suficientemente criativo para desempenhar o seu trabalho, coisas que não se resolvem repentinamente, mas que dependem de um processo de re-educação que, com urgência, precisa de ser iniciado. É por isso, inclusive, que as Editoras, competentes em termos gráficos mas deficitárias em questão de seleção visando à qualidade estética, acabam por estabelecer uma corrente que já está cristalizada. Refiro-me ao mercado editorial-professor de literatura-aluno. Quebrar essa corrente é uma das preocupações de nosso grupo. Pode-se perguntar: será difícil interrompê-la?

Será que existe alguma chance de sucesso na tentativa (ou no sonho) de formar o professor que se preocupe em estabelecer uma triagem no material que ele recebe ou compra, separando o bom do mau, antes de permitir que o aluno o receba em suas mãos? Nós não sabemos se a chance de sucesso é grande ou pequena; sabemos que nós nos interessamos pela formação de um professor que tenha um mínimo de discernimento crítico, capaz de levá-lo a estabelecer a separação entre Literatura e não Literatura, entre o bom e o mau; um professor competente no sentido de procurar os recursos necessários e adequados para formar-se, sem medo de estar trabalhando mais do que o correspondente ao seu salário (a luta pela melhoria salarial é de outra ordem e comporta outro tipo de disposição; evidentemente o professor bem formado tem melhores chances de conseguir melhores salários); um professor que tenha motivação para voltar-se para o aperfeiçoamento pessoal, que desenvolva a consciência de que há uma expressão lingüística superior a outra que ele deve se voltar para a superior, pois a outra o nosso escolar conhece abundantemente mais do que o previsível e o suportável. (De fato, o nosso escolar conhece o que um ou dois canais de televisão veiculam, nivelando por baixo a competência lingüística de nossos patrícios. Refiro-me, inclusive, à distribuição da miséria cultural que assola nosso momento histórico.)

Será pouco sonhar com a melhoria cultural de nossos professores que levará a um melhor desempenho didático? Talvez não, se pensarmos que, queiramos ou não, somos uma elite que tem acesso ao belo, preparada para sensibilizar-se diante dele, simplesmente porque tem acesso a ele. Será muito se pensarmos na má formação de nosso professor de literatura (sobre o que não lhe cabe toda culpa) que freqüentemente desconhece a noção de que há diferença entre narrativa literária e relato. Se nós nos aprofundássemos nessa reflexão

com dados práticos (que não os tenho quantificados) ficaríamos, no mínimo, assustados. Hoje a maioria dos profissionais que lida com língua portuguesa (responsável pelo ensino da literatura) entende que, por ser portadora de um diploma, documento que a habilita ao exercício do magistério, está pronta para desempenhar uma função sem maiores preocupações, esquecendo-se de que é preciso esforçar-se por aprender uma língua, esforçar-se por conhecer Literatura e desenvolver a sensibilidade para entendê-la e classificá-la. Nós somos elite porque, no mínimo, temos consciência de nossas limitações diante do fato literário e de nossa responsabilidade frente ao exercício do magistério; não nos consideramos prontos, mas, sim, em permanente formação.

Acredito, e meu grupo também acredita nisso tenho certeza, o conhecer, amar e divulgar literatura poderia encurtar a trajetória (ou o percurso, como está em moda dizer-se) entre a situação atual e a reconstrução da cultura do país, ressalvados os comprometimentos que a palavra reconstrução possa ter implícitos no momento histórico que atravessamos.

Ainda um pequeno comentário: o poder constituído está procurando desmentir uma tese extraordinária, aquela segundo a qual a pessoa cresce, ascende socialmente quando domina a língua, e que ocorre a perda do poder pelo amesquinamento da língua. Refiro-me aos descuidos que permeiam o discurso de muitos daqueles que, de uma maneira ou de outra, exercem o poder. A preocupação com e a convivência com a literatura leva a pessoa a lidar com a língua de maneira adequada, torna o indivíduo linguisticamente competente. Com o tempo, teríamos uma população com possibilidade de acesso aos bens de cultura, o que, em última análise, significa a promoção de uma justa (ou menos injusta) distribuição dentro da sociedade. O descaso com que o poder público constituído lida com esse detalhe nos preocupa, uma vez que ele é, para nós, tão importante e para

o qual gostaríamos de um outro desfecho. Em síntese, ainda contamos com a humanização do homem que se pode dar no contato com a literatura, que através da imaginação e de fantasia levará o homem a refletir sobre sua condição, visto que a literatura é uma das expressões mais completas do homem, que tanto o leva à contemplação, quanto permite o conhecimento de si próprio, de sua língua, de sua capacidade de expressão e comunicação. Isso torna-la-á mais hábil na capacidade de exprimir adequadamente a sua experiência, a partir do contato com os grandes problemas que a literatura lhe traz e o fazem refletir, e torna-la-á mais humano.

Agradeço, em nome do grupo, a acolhida que nossa idéia teve, tanto por parte do Programa de Pós-graduação, na pessoa de sua Coordenadora, quanto da Direção da Escola. A Prof.^a Daisi Malhadas nos deu o incentivo para que puséssemos em prática uma idéia que havia sido lançada anteriormente, embora o tempo disponível para a organização e realização deste colóquio fosse exíguo. Obrigada. Agradeço, de modo muito especial, o apoio e o entusiasmo recebidos de Juliana, Roseli e Thereza, para que não perdéssemos esta oportunidade.

Tenho certeza de que os trabalhos aqui apresentados poderão agradar aos participantes e, além disso, espero que possam ser úteis no sentido de acrescentar algo não só ao exercício profissional, mas também, de preferência, à reflexão sobre os problemas que envolvem o exercício do magistério que se volta para a língua portuguesa e que envolve a literatura. Esse é o nosso objetivo declarado. Obrigada.